

Uma paizagem.

Quereis ver Deus e ouvir-lhe a sua voz? Quereis conhecer o vosso coração, e definir a sensibilidade da vossa alma? Levantae-vos pela madrugada, e ide para o campo. Ahi procurae a montanha mais elevada, subi ao seu cume, e esperae que o sol nasça. Em quanto este astro se levantar do seu leito de rosas, percorrei com a vista os horisontes que vos circundarem. Depois, quando os raios solares principiarem a incommodar-vos, descei e buscae algum rio cujas margens sejam bordadas de arvores, e sentae-vos debaixo de uma d'ellas. Ao declinar da tarde passeae pelos valles, e quando virdes o ceo a córar-se de vermelho, subi outra vez á mesma montanha, observae a descida do sol, e permanecei ahi até que a noite desdobre de todo o seu manto de lucto.

Se com o romper da aurora vos não parecer que a vossa alma como que respira pela primeira vez; se por entre o radiar d'essas ondas de fogo desenrolando-se e convertendo-se em fios de prata, se vos não afigurar a imagem do Creador espalhando a luz e a vida; se esses horisontes, ainda não ha muito confusos e esfumados pelo espaço escurecido, avultando e contornando-se pouco a pouco atravez de mil cambiantes d'azul e ouro, vos não assimilharem o quadro maravilhoso da natureza saindo do cáos; se á beira d'esse rio, vos não esquecerem todos os soffrimentos passados, e o colorido e aroma das flores agrestes, os meigos e festivos cantos das aves, o alegre e eloquente silencio dos campos vos não embriagarem com sonhos de felicidades e amores; se a penumbra da noite que, ao descer e mergulhar do sol no outro hemispherio, principia a entristecer as flores, e os montes e os valles, vos não entristecer tambem, repassando-vos a alma de mysteriosa melancolia, de vagas saudades e desconhecidos pezares; se tão grandiosos espectaculos vos não mostram Deus e fallam a sua linguagem; se tanta poesia vos não agrada e converte n'um ser inspirado, desisti da vida, porque nunca podereis gozar.

Os campos são o recinto da felicidade, porque n'elles folga a natureza. Ahi crescem as flores, ahi nascem e se multiplicam livremente as aves, ahi respiram os homens ar puro, e ahi vivem tranquillos.

O homem das cidades julga-se outro, e em mundo diverso, quando se vê nos campos. É porque só n'estes encontra amigos, socego e liberdade, prazeres d'alma que debalde procura nas cidades, onde não habitam senão as inimizades que em profusa

multidão rebentam das luctas dos interesses individuaes, a agitação dos vicios e das paixões, a escravidão das conveniencias e da necessidade. Por isso bem faz o homem do trabalho que, nos domingos, vae resfolgar para os campos. Carece de respirar outra atmosphera, pisar outro terreno, espalhar as magoas por livres e espaçosos ares, correr, saltar, brincar, tocar, dansar e cantar; precisa dar liberdade ao corpo, ao espirito e ao coração, presos pelas obrigações, e opprimidos pelas fadigas, e nada d'isto póde fazer, senão fugindo da sociedade, cujas etiquetas lhe entravam o licito desafogo, e abrigando-se nos campos, independentes como o seu coração, risonhos e festivos como a sua alma.

Olhae para a singela paizagem que a gravura representa, imaginae que a vêdes realmente na natureza, e dizei-me se a sombra d'aquelles salgueiros e a frescura de que o rio impregna o ar ambiente, vos não convida a irdes para alli repousar das lides da vida social, alliviar de tristezas, e dormir largo somno ao crepitar melancolisado pela solidão d'aquella azenha que trabalha para nos alimentar.

OS MONTENEGRINOS.

(Continuação).

Os costumes das mulheres resentem-se do estado social em que vivem. Companheiras assiduas dos guerreiros, o seu caracter está esboçado energicamente na seguinte canção:

A montenegrina.

— Um *haidouk* (guerreiro?) moribundo brada na montanha: Pobre Stanicha, ai de mim! que te deixei succumbir sem vingança!

« Do fundo do valle de Tsousi, a esposa de Stanicha ouve os seus gritos, e comprehende que seu esposo acaba de perecer.

« Immediatamente, ella, a ardente christã, parte com uma espingarda na mão, e sobe os verdejantes caminhos que seguiam os assassinos de seu marido, quinze turcos, conduzidos por Tchenghitj-agá.

« Assim que ella avistou Tchenghitj-agá poz a arma á cara, e estendeu-o morto. Os demais turcos, aterrados da audacia d'esta mulher heroica, fogem, e deixam que ella decepe a cabeça do seu senhor, a qual traz comsigo para a aldeia.

« Pouco depois Fati, a viuva de Tchenghitj, escreve uma carta á viuva de Stanicha:

« Esposa christã, tu arrancaste-me os dois olhos matando o meu Tchenghitj-agá; se és, pois, uma verdadeira montenegrina, vem amanhã sósinha á fronteira, como eu tambem farei, para alli medirmos as nossas forças, e verificarmos qual de nós ambas foi melhor esposa.

« A christã despe os seus vestidos de mulher, veste o fato e as armas tomadas a Tchenghitj, pêga no seu iatagan, e nas duas pistolas e na brilhante *dcheferdane* (carabina), cavalga o bello corsel do agá, e põe-se a caminho através dos desfiladeiros de Tsousi, bradando a cada penedo:

« Se está aqui escondido algum irmão montenegrino, que me não mate, tomando-me por um turco, pois que eu sou filha da montanha negra!

« Mas, ao chegar á fronteira, ella viu que a musulmana desleal fôra acompanhada com o seu *djever* (padrinho), que, montado em um soberbo cavallo negro, se lançou furioso sobre a viuva christã.

« Espera-o esta sem se assombrar; com certeira pontaria lhe atravessa o coração com uma bala, e depois corta-lhe a cabeça: então, alcançando a *boula* (musulmana) na fuga, trouxe-a amarrada a Tsousi, onde a fez sua escrava, obrigando-a a acalentar no berço os filhos de Stanicha.

« E depois de a ter ao seu serviço durante quinze annos, despediu a *boula* livre para a sua patria. »

A espantosa energia de que são dotadas as mulheres montenegrinas é para os seus bellicosos maridos uma razão mais para as sobrecarregarem com trabalho. Vêem-se, com enormes volumes ás costas, caminhando com presteza á beira dos precipicios; muitas vezes, como se não sentissem o peso, levam na mão os seus fusos, e fiando conversam umas com as outras. Se passa um *glavar* (chefe de familia) ou alguma pessoa distincta do seu proprio sexo, não se esquecem nunca de lhe beijar a mão, fazendo uma profunda reverencia. Apesar d'este estado de humilhação, a mulher moralmente não é no Montenegro o ludibrio do homem, como acontece muitas vezes nos paizes civilisados. Alli é verdadeiramente inviolavel: eis-aqui porque ella sem receio se confia ao desconhecido, certa de que não tem a temer nenhuma acção desleal; e com effeito, se ousasse attentar contra o seu pudor, seguir-se-hia d'ahi infallivelmente a morte de uma ou do outro. Uma joven montenegrina não concebe o amor sem o casamento, ou sem a morte do seductor. As canções populares attestam que em outro tempo os guerreiros d'este paiz tinham em grande conta baptisar e esposar mulheres turcas; mas não é assim: o montenegrino considera a musulmana, ainda convertida, como indigna de ser a sua companheira. Comtudo, ainda no auge da grande exasperação dos partidos, as mulheres dos dois povos não são envolvidas, e podem sem risco passar de um paiz para o outro.

Depois da mulher o ente mais sagrado para os montenegrinos é o viajante. Em todo aquelle paiz exerce-se a hospitalidade com a mais agasalhadora cordialidade. Se passando a cavallo por diante da porta de um paizano pedirdes agua, apressar-se-hão em satisfazer-vos, e trar-vos-hão vinho, se o tiverem. É verdade que, á entrada das cabanas, os enormes e terriveis cães que aterraram ha trinta annos o coronel Vialla, nada tem perdido da sua temerosa vigilancia; mas penetrae na choupana, e ahi se disputará a honra de vos servir; estenderão almofadas, se o vosso hospede as tiver, sobre a bancada de madeira que cérca a lareira; e o dono da casa, assentado sobre uma pedra diante de vós, vos apresentará café, ovos cozidos, a *castradina* e vinho indigena, tudo em uma bandeja de madeira, servindo de mesa. Se depois das primeiras *zdravitsa* (saudes) elle vos estender a mão, é signal que jura defender-vos desde então até á morte, ainda mesmo contra um exercito. Ao partirdes, a unica remuneração que elle ambiciona é uma descarga das vossas armas, uma salva de despedida em sua honra, que mostre publicamente que estaes contente com elle.

Os montenegrinos, como todos os orientaes, tem conservado o antigo e barbaro costume de espetar em lanças as cabeças dos seus inimigos. Assim como os pachás remuneram todo o soldado que lhes traz uma cabeça decepada, tambem os *voïovodes* servios distribuem n'este caso condecorações aos seus *iounaks*. As antigas canções populares mencionam muitas vezes as *tchelenkas*, plumas argenteas, fluctuando no carapuço do guerreiro, e indicando pelo seu numero o dos inimigos que haviam sido por elle decapitados....

O esclavão do Montenegro não é menos astuto diplomata, que intrepido guerreiro. Vêde-o em um *hane* albanez ou bosnio, ao descair da tarde, fazendo propaganda, e demonstrandò aos seus irmãos *rayas* as vantagens, a necessidade mesmo de uma alliança

com o *santo vladika*: a julgar pela melifluidade de suas palavras, dir-se-ha que este homem possue todos os segredos de seducção de uma mulher. A dignidade, a abnegação de um martyr resplandecem-lhe no semblante, e todos o escutam como um oraculo. Em realidade o montenegrino é dotado da maior bonhomia; admira toda a gente a indifferença com que tolera os dicterios dos visinhos, o silencio resignado ou a admiravel agudeza que oppõe, sem nunca se escandalisar, aos mais mordazes gracejos. Todos gabam a esperteza dos montenegrinos nas transacções industriaes; e é por sem duvida que o seu commercio se tornaria florescente, se por ventura obtivessem a posse das boccas de *Kataro*, subtrahindo-se ás necessidades de posição que os prendem á vida militar. Entre estes guerreiros conta-se um numero consideravel de lavradores; no meio d'aquelles campos, semeados de pedras e de ossadas humanas, depara-se já com risonhos oasis.

O montenegrino, se póde conquistar nos cerros uma pequena chã cultivavel, semea-a, e prodigalisa-lhe todos os cuidados. Este povo na verdade não exerce profissão alguma mechanica; se faz os seus utensilios de cozinha, excellentes cachimbos de madeira, e até caixas de tabaco lindissimas, é por distracção, e não para d'ahi tirar proveito.

Os montenegrinos amam apaixonadamente a caça e a pesca, e não são menos destros n'estes misteres, que em decepar cabeças de turcos. Fanaticamente affeiçoados ao solo natal, não se pejam, ainda nas deliciosas margens do Bosphoro, de proclamar que os aridos rochedos do Montenegro são a mais formosa parte do mundo.

Ha muitas relações entre os costumes dos montenegrinos e os da cavallaria. No tempo em que o commissario veneziano Bolizza visitou estes guerreiros, serviam-se elles ainda de escudos e lanças; os seus divertimentos predilectos eram justas similhantes aos nossos torneios, como a lucta do *dcherid*, em que se combatia a cavallo com dardos. Ainda os seus punhaes, espingardas e pistolas, fazem lembrar os que recordam nos nossos arsenaes a memoria dos ultimos cavalleiros. O enthusiasmo dos rayas pelos montenegrinos lembra a admiração que o povo consagrava aos justadores da nossa historia. Quando um d'estes valentes atravessa como viajante as regiões proximas, e até as provincias austriacas, os habitantes accorrem pressurosos a saudar o heroe da montanha para contemplar um d'esses homens portentosos, cujas façanhas fazem o objecto da conversação de todos os eslavões.

A analogia que existe entre a situação dos montenegrinos e a dos montanhezes castelhanos combatendo contra os mouros fez desenvolver n'elles algumas das feições do caracter hespanhol. Esta similhança revela-se mesmo no traje, na larga *strouka*, especie de tunica deitada ao hombro, no *opanka*, sandalia elastica e leve, commoda, mórmente para subir aquelles fraguedos e saltar de um penedo para outro. Um amplo roupão de lã branca, deixando peito e pescoço descobertos, calças curtas á moda oriental, e o *fez* vermelho, cingido de um lenço á maneira de turbante, dando relêvo á sua physionomia sempre energica, e algumas vezes notavelmente bella, tal é o trajar do montenegrino, o cavalleiro grego-eslavonio.

É possivel que um dia o Montenegro se torne um dos principaes fulcros politicos da peninsula, se conseguir apoderar-se de um porto de mar, e effeituar a união dos albanezes á raça servia. Importa, pois, conhecer o paiz em que vive um povo tão activamente ambicioso.

Duas estradas mui differentes conduzem o viajante ao Montenegro; se vierdes por Kataro e do occidente, não encontrareis senão desertos, cortados de precipicios para onde rolam as pedras que os vossos pés deslocam, e á beira dos quaes se pendura alguma cabra definhadinha a roer as enfezadas gramineas suspensas nas rochas pardacentas; um ermo, finalmente, em que tudo é lugubre, menos o homem, que vos sorri na sua miseria, confiado e bom, porque é livre. Se pelo contrario vindes de Novi-Bazar e do oriente, entraes no Montenegro através das mais deleitosas paizagens, por valles que mil ribeiros fecundam, dominados por soberbas florestas. De resto, por qualquer ponto que se atravesse a montanha, póde-se viajar, tanto de dia, como de noite, com menos perigo do que em certos paizes civilisados da Europa, andando-se todavia acompanhado de um indigena. Ainda conduzido por uma mulher o viajante póde caminhar tranquillo; livrar-se-ha até assim das aggressões dos haïdouks, porque os cavalleiros do oriente consagram profundo respeito ao sexo fragil. Assim acontece muitas vezes achar-se o estrangeiro entregue pelo guia ao cuidado de alguma formosa parenta, que o tem de acompanhar até ao sitio aprazado. Stieglitz, auctor allemão de uma viagem ao Montenegro, (1) recebeu por guia, ha já alguns annos, uma joven prima do *vladika*.

O Montenegro está, como todas as terras orientaes, de tal sorte identificado com os seus habitantes, que não tem outros nomes que os das *plémes* ou tribus que senhoreiam as diversas chãs; se essas tribus se extinguissem ou se abalassem, não se saberia como se haviam de designar os logares que houvessem abandonado, e o paiz tornar-se-hia, como antes do apparecimento dos *uskokes*, (2) um vasto deserto sem nome.

Outr'ora comprehendido no ducado e provincia de Zenta (denominação que hoje apenas comprehende o valle de Moratcha, de Jabliack a Podgoritsa), o territorio actualmente chamado Tsernegore ou Montenegro está situado entre a Albania, a Bosnia, a Hertsegovina e a Dalmacia austriaca. O Moratcha e o Paskola, desaguando no lago de Skadar, lhe servem de fronteira oriental. Ao occidente o seu limite natural seria a costa do Adriatico, d'Antivari a Raguza; mas o congresso de Vienna dispoz as cousas de outro modo, e os montenegrinos, que de varios pontos das fronteiras poderiam até atirar pedras ao mar, não possuem um unico porto!

As muralhas naturaes do paiz são, a oeste, as serras de Sella-Gora, de cinco a seis mil pés de altura, a éste e ao norte a cordilheira do Ostrog, ao sul o Sutorman. O territorio é cortado em todas as direcções por montanhas que se destacam d'aquellas. Referem as canções nacionaes que o Deus do ceo, percorrendo a terra para n'ella collocar convenientemente as montanhas, deixou por descuido cair no Tsernogore o sacco em que tinha largo provimento de penedos; e os pedaços de granito contidos no sacco rolaram para todos os lados cobrindo aquelle territorio!...

Ha alli uma unica planicie, é a de Tsetinié, que tem apenas meia legoa de largura sobre quatro legoas de comprimento, e que, cingida de montanhas, foi n'outro tempo o leito de um lago. O unico grande rio do paiz é o Tsernoïevitj, que descendo dos montes Maratovitj, acima de Dobro, corta Tsetinié, lançando-se no lago de Skadar; ha um mercado cada semana n'um mesquinho bazar erigido no sitio em que os barcos que sobem o Tsernoïevitj cessam de poder navegar. Aquelle bazar é frequentadissimo, mesmo pelos servios da Austria e da Turquia.

O Tsernoïevitj, no seu curso desegual, ora se espraia por bellas *livadas* (campinas), ora se esconde

(1) *Ein besuch auf Montenegro*. Stuttgard, 1841.
(2) Proscriptos servios, cujas emigrações povoaram estas montanhas.

sob canniçaes, ora se some por entre rochedos a prumo, que parecem querer estorvar-lhe a passagem. Nas suas margens se erguia a forte cidadella de Rieka, diante da qual succumbiu um exercito ottomano, e de que apenas restam vestigios. As ruinas de Obod, situadas em um monte perto da embocadura do rio, estão mais bem conservadas. Por baixo d'esta torre destruida abre-se na rocha uma vasta e mysteriosa caverna; o heroico Ivo, o pae dos montenegrinos, alli repousa, segundo a tradição, no seio das *vilas* (¹) que o guardam, e o acordarão um dia, quando Deus tiver resolvido restituir Kataro e o *mar Azul* aos seus queridos montenegrinos. Então o heroe immortal marchará novamente á frente do seu povo para expulsar os *schmoibi* (germanos) das costas usurpadas aos esclavonios.

(*Continúa*).

P.

LOANDA.

A antiga capitania-general (comprehendendo os chamados reinos de Angola e Benguella) que actualmente tem a denominação de governo geral da provincia de Angola, é sem duvida uma das mais vastas e ricas possessões da coroa de Portugal, e por ventura a mais importante que conservâmos na Africa continental.

Limitado ao norte pelo rio Ambriz ou *Ambres*, como outros lhe chamam, o governo geral d'Angola estende-se até Cabo Negro em 16° de latitude sul, confrontando no interior com as terras dos Mollúas, Jaga Cassange, Dala Quicua e Ilumbe, e divide-se em varios districtos e presidios, alguns dos quaes foram, em data mui recente, em razão do seu adiantamento, elevados á cathegoria de concelhos.

Abrangendo cento e setenta legoas de costa, e uma área superior a dezesete mil legoas quadradas, isto é, cinco ou seis vezes, proximamente, a superficie de Portugal, Angola, se são exactos os dados estatisticos que possuimos, tem uma população de 600:000 habitantes.

A capital d'esta grande provincia é a formosa cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda, a qual está situada em 8 gráos e 48 minutos de latitude sul, e 22 gráos e 10 minutos de longitude a E. de Lisboa.

Foi Loanda fundada em 1576 pelo famoso capitão Paulo Dias de Novaes, primeiro governador de Angola, que, partindo de Lisboa em 1575 com setecentos homens de armas e alguns missionarios em sete navios no intuito de conquistar aquellas terras, de que tanto se fabulava, tentára primeiro estabelecer-se na fronteira ilha. Os mais antigos edificios d'esta cidade não remontam todavia além de 1605, tendo de ha muito desapparecido as ruinas da primeira egreja que alli houve, sob a invocação de S. Sebastião, mandada erigir no morro de S. Miguel.

Todos os successores do valoroso capitão, quasi que sem excepção alguma, pozeram o maior desvelo em augmentar e aformosear a nascente capital, ainda nas circunstancias mais apertadas; nem os hollandezes, que senhorearam Loanda de 1641 a 1648, se descuidaram d'este objecto, emprehendendo até o encanamento das aguas do Quanza para a cidade, obra de maxima importancia, se se conseguisse realisar.

Releva confessar entretanto que até aos tempos modernos a cidade tinha um caracter especialissimo; é que poucos dos que alli iam, levados das necessidades do commercio, se demoravam mais do que o tempo indispensavel para concluir as suas negociações; assim Loanda mais parecia, até certo ponto, um acampamento que uma povoação regular: tal era o terror das *carneiradas*. Com effeito os depositos de milhares de negros, agglomerados pelos *mosseques* (quintaes), o desaceio das ruas e casas, o pouco conforto que estas offereciam, os habitos irregulares da população, expunham a cidade á invasão periodica das terriveis febres conhecidas por aquelle nome.

Com a terminação do tráfico da escravatura cessou a necessidade dos immundos depositos a que acima alludimos, e é d'então, e particularmente do memoravel governo de Pedro Alexandrino da Cunha, que datam os melhoramentos decisivos: aceiaram-se as ruas, e abriram-se outras de novo, construiram-se as casas com regularidade e até grandeza, plantaram-se arvoredos, acudiu-se ás necessidades hygienicas mais urgentes; e Loanda melhorou a ponto de poder dizer-se que, se não é tão saudavel como algumas terras de Portugal, está bem longe de ser aquella povoação, cujo nome só fazia estremecer os europeus.

Divide-se a cidade em alta e baixa; começa esta na ponta da Isabel, onde ha um passeio publico, mandado plantar pelo governador Luiz da Motta Fêo, e termina perto do morro de S. Miguel. Na cidade baixa encontra-se a egreja de Nossa Senhora da Nazareth, o matadouro, construido em 1849; a casa do correio central, a *quitanda* pequena (mercado); a alfandega; o trem nacional, o açougue, os armazens do almoxarifado, o quartel da cavallaria, a egreja de Nossa Senhora dos Remedios, que hoje serve de sé, a do Corpo Santo, e o terreiro publico, com um commodo caes de cantaria, obra magnifica que se deve, como algumas das mais importantes de Loanda, ao genio e actividade de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho.

Diversas calçadas communicam a cidade baixa com a alta, e é n'esta que residem, além das familias mais abastadas, o governador geral e as principaes auctoridades. Os edificios publicos mais notaveis são o palacio do governo, o paço do bispo, a casa da junta da fazenda, e o hospital da santa casa da misericordia. É digna tambem de particular menção a *praça*, grande largo em fórma de um pentágono, guarnecido de frondosas arvores, e no centro do qual se ergue um singelo monumento, recordando a acclamação d'el-rei D. João VI.

A parte infima da população vive pelas *cubatas* (casas de palha) de mesquinha construcção, arruadas pelo litoral além do morro da cidadella.

Contém Loanda 14:000 habitantes, comprehendendo mais de 3:000 brancos e mulatos, distribuidos em duas freguezias.

O porto, que é mui amplo e seguro, é defendido pelas fortalezas de S. Francisco do Penedo, de S. Pedro da Barra e da Conceição.

O primeiro batalhão de linha da provincia, segundo a recente organisação, a companhia de artilharia, a de sapadores, e o esquadrão de cavallaria, tem seu quartel permanente em Loanda. Estas tropas acham-se perfeitamente disciplinadas. A policia é feita com bastante regularidade por uma companhia de negros empaceiros, armados de lanças.

Ha em Loanda apenas duas aulas de instrucção primaria, e uma de grammatica latina. O seminario diocesano, decretado em 1852, não sabemos se funcciona já, como muito conviria. A respeito de instrucção publica ha, pois, muito ou quasi tudo a fazer.

O commercio é a principal, a quasi exclusiva occupação dos habitantes de Loanda, e por isso não admira que o valor das importações e exportações attinja a somma de 1.600:000$000 réis, numeros redondos. Esta cifra, já importante, tende a augmentar de dia para dia, devendo ascender a uma somma enorme quando possa haver regulares communi-

(¹) Nymphas christãs que figuram nas lendas servias.

cações para o interior. Nos ultimos annos alguns mui louvaveis esforços se tem feito para melhorar estas communicações, e parece que se trata de habilitar a provincia com os meios indispensaveis para se emprehenderem as obras de maior urgencia; mas o futuro de Loanda, como o de todas nossas possessões africanas, não depende só d'isso, mas da total extincção do nefando tráfico da escravatura, dos progressos da agricultura, do incremento da civilisação da raça negra, e da resolução racional do problema de colonisação, que tão serias difficuldades tem até agora apresentado.

A gravura representa uma parte do grande e commodo porto de Loanda. Parece ser tirada da fronteira ilha, em sitio proximo da barra da Corimba, por onde entravam antigamente navios de alto bordo, e que agora só é accessivel a canoas e escaleres. No primeiro plano vêem-se algumas habitações humildes, cercadas de altos e airosos coqueiros, e ao fundo avista-se a fortaleza de S. Miguel, e diversas casas e feitorias dos mercadores.

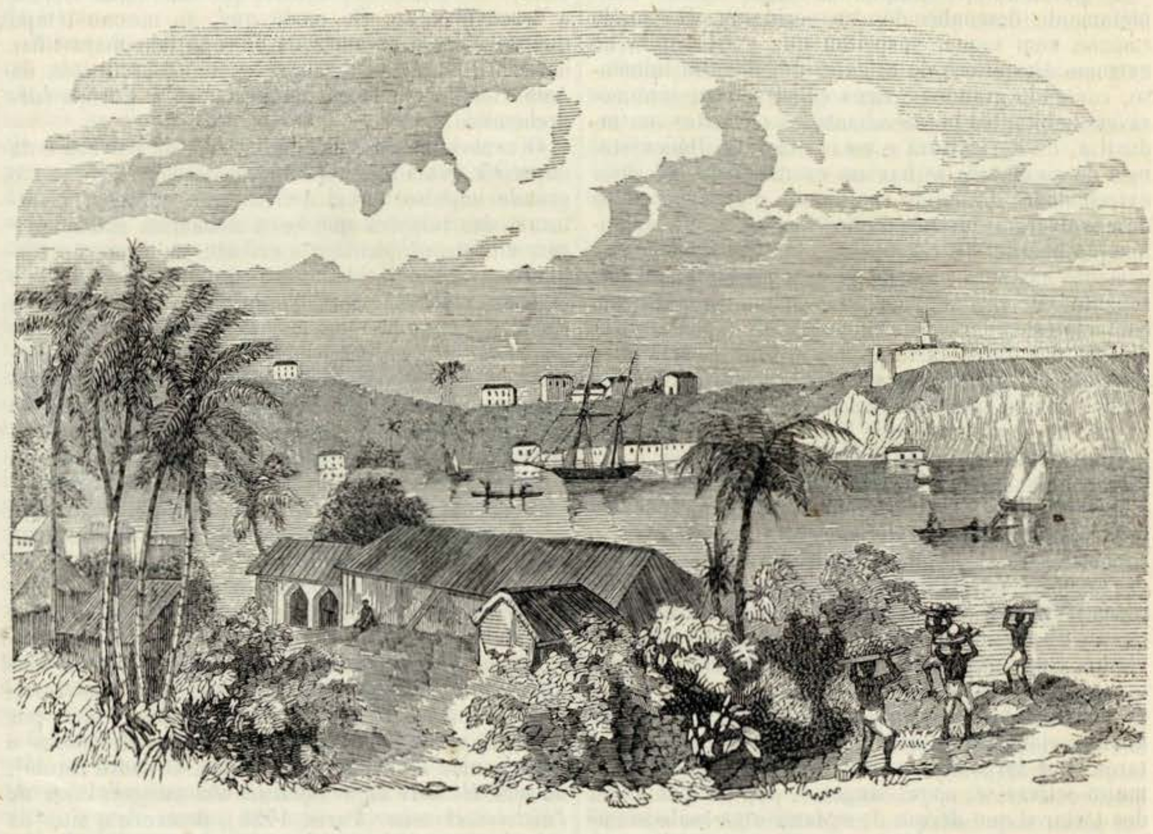
P.

MISSÕES CATHOLICAS NO ORIENTE

DURANTE A EDADE MÉDIA,

SUA INFLUENCIA NA MARCHA DA CIVILISAÇÃO EUROPEA.

Desde os primeiros seculos do christianismo, numerosos sacerdotes se espalharam por quasi todos os paizes da Asia para prégarem a religião do Crucificado. Poucas e confusas noticias ha dos resultados dos seus trabalhos, até ao tempo em que os tartaros começaram a agitar o mundo com suas rapidas e prodigiosas conquistas. Essas innumeraveis hordas semibarbaras, reunidas no principio do seculo XIII sob o mando de Gengis-Khan, precipitaram-se do fundo da Asia em todas as direcções, como uma torrente devastadora, que chegou mesmo a invadir uma boa parte da Europa. N'essa epocha algumas das missões catholicas e nestorianas floresceram muito, e chegaram a fundar-se até no mysterioso imperio do Cathay, que depois se reconheceu ser a China, quando os portuguezes alli aportaram pelas suas audaciosas navegações.



Loanda.

Pouco conhecida ou vulgar era a historia d'aquellas missões, e mesmo a dos grandes successos politicos e espantosas revoluções que com ellas se ligam, e que tão profundamente abalaram toda a Asia. O celebre e erudito missionario padre Huc, francez, acaba, porém, de publicar uma interessante obra intitulada *Le Christianisme en Chine, en Tartarie, et au Thibet* (Paris 1857), que suppre aquella falta, da qual extractámos varios factos e considerações sobre o assumpto d'este artigo.

Na edade media, apesar dos embaraços e occupações occasionados pela larga lucta do poder espiritual de Roma contra o poder temporal do imperio, a santa sé não deixou de attender á dilatação do christianismo por aquellas regiões desherdadas da fé. Gregorio IX, Innocencio IV, Clemente IV, Nicolau III, Nicolau IV, Clemente V, João XXI, João XXII e Benedicto XII, prégaram cruzadas ou promoveram missões, segundo entendiam melhor exercer na Asia influencia bellicosa ou influencia pacifica. Comtudo as missões catholicas da edade média não tiveram os resultados que naturalmente deviam esperar-se, á vista dos perseverantes esforços dos missionarios que n'esta epocha não cessaram de evangelisar as popu-

lações do extremo oriente. As christandades fundadas á custa de immensos sacrificios pelos religiosos das ordens de S. Francisco e de S. Domingos, assás florescentes desde seu principio, nunca lançaram sobre este solo ingrato raizes profundas e capazes de resistir ás perseguições. Esses povos, a cujos olhos a luz do Evangelho tinha por algum tempo brilhado com todo o esplendor, bem depressa recaíram nas antigas trevas, e se desvairaram para longe do caminho que conduz a Deus; isto é, á verdade. Todavia, cumpre reconhecer que as numerosas tentativas da egreja para converter e civilisar as nações pagãs, tiveram importantes resultados, que ainda não foram devidamente conhecidos e apreciados. Os trabalhos dos missionarios contribuiram poderosamente para preparar o prodigioso desenvolvimento da civilisação europea, e ao mesmo tempo deixaram no oriente curiosos vestigios e recordações da predica catholica.

Os povos da alta Asia foram longos seculos completamente desconhecidos no occidente. O mundo romano nem sequer suspeitou que existisse, lá no extremo mysterioso do oriente, um imperio immenso, contendo grandes e ricas cidades, com innumeraveis habitantes muito adiantados nas artes, na industria, na agricultura e no commercio. Dois systemas de civilisação se haviam estabelecido nas duas extremidades do antigo continente, e cresceram e se desenvolveram durante muitos seculos, sem communicação nem influencia mutua, cada um apoiado unicamente nas suas proprias idéas e recursos; mas de repente guerras gigantescas e inauditas põem em contacto estes dois grandes corpos. A expansão prodigiosa das raças tartaras faz invadir e precipitar para o occidente as vetustas civilisações da Asia, ao mesmo tempo que as cruzadas vão communicar ao oriente as idéas novas que fermentavam na Europa.

Houve então um choque immenso e terrivel; baralharam-se exercitos e nações de tão afastados climas, d'onde resultou estabelecerem-se communicações de todo o genero entre os descendentes de Sem e os de Japhet, entre estes filhos d'uma mesma familia que por tão longo tempo tinham vivido mutuamente ignorados. D'uma e d'outra parte houve numerosas tentativas de alliança e de aproximação. Os tartaros enviaram vinte embaixadas á Italia, Hespanha, França e Inglaterra. Do seu lado, os principes christãos, e principalmente os papas, fizeram partir legações e missionarios para os estados dos khans ou chefes tartaros. Por largos annos as correspondencias foram muito activas, e, cousa singular, não foi por culpa dos tartaros que deixou de se fazer uma coalisão entre elles e os cruzados, que teria arruinado para sempre o poder musulmano na Europa e na Asia.

As relações officiaes e as entrevistas solemnes das embaixadas não foram as unicas occasiões que pozeram em communicação povos até alli tão completamente estranhos uns aos outros. Houve aproximações mais obscuras, mas talvez mais efficazes: eram como correntes, ou infiltrações occultas de idéas, que se estabeleceram pelas viagens d'uma multidão de particulares, arrastados ás duas extremidades do mundo, em seguimento dos enviados e dos exercitos. Vieram mongoles a Roma, Paris, Avinhão, Londres e Barcelona, e a varias outras cidades importantes da Europa. Os francos, nome que então se dava no oriente a todos os europeus, atravessavam corajosamente a Asia inteira para desempenharem missões diplomaticas, e para prégar o Evangelho aos infieis. Sabe-se que os enviados dos pontifices tinham ordem, em remissão dos seus peccados, de observar os costumes e todas as circunstancias dos povos que iam visitar. Tal preceito não podia deixar de promover muitas observações tendentes a favorecer os progressos da Europa; porque na edade média as artes e a industria quasi tudo tinham que aproveitar das nações orientaes.

Existem d'aquella epocha algumas narrativas de viagens, como as de Rubruk, Plan-Carpin, Marco-Polo, Oderic de Frévul, e de alguns outros. Porém n'aquelles tempos de rudeza, havia homens mais aptos para executarem longinquas e aventurosas peregrinações, do que para as descreverem. Por isso caíram em esquecimento a maior parte d'esses intrepidos viajantes, que nada deixaram escripto. Comtudo não foram perdidas as observações que naturalmente fariam nos paizes que percorreram. Regressados á patria contaram as cousas maravilhosas que tinham visto, e ainda que algumas exagerassem, sempre haviam de communicar muitos dados exactos e uteis. Foi assim que depozeram em França, na Allemanha, na Italia, nos mosteiros e nos castellos feudaes, e até nas ultimas classes da sociedade, esses germens preciosos que mais tarde vieram a desenvolver-se. De modo que, ao mesmo tempo que as idéas e as artes da Europa iam maravilhar os asiaticos, os conhecimentos e os productos da Asia vinham em troca manifestar-se á Europa surprehendida.

O conhecimento e uso da bussola, da polvora e da imprensa, estas tres importantes descobertas que tão grande impulso deram á civilisação europea, resultaram das relações que os missionarios estabeleceram entre o occidente e o oriente. A attracção magnetica, ou a polaridade da pedra iman, era, desde os mais remotos tempos, conhecida e aproveitada na China. Quando os missionarios navegavam ao longo das costas e sobre os grandes lagos do imperio, certamente não deixariam de observar a bordo dos juncos chinezes uma pequena caixa com uma agulha de marear, chamada *ting-nan-tchen*; isto é, *agulha que mostra o sul*. Nos annaes da China lê-se, que ha 4:456 annos um antigo heroe recorreu áquelle instrumento, para se guiar na direcção meridional no meio das espessas trevas, de que um genio ou espirito malfazejo o tinha cercado. De certo é isto uma fabula; mas, em tal caso, uma fabula antiga é boa auctoridade para confirmar quanto é remota aquella descoberta.

Tambem os missionarios sem duvida veriam nos exercitos tartaros e chinezes essas machinas terriveis, chamadas *ho-pao* ou tubos de fogo, que, por meio de certo pó inflammavel, lançavam pedras e balas contra os muros das cidades. O padre Gaubil, na sua *Histoire de la dynastie des mongols tirée de l'histoire chinoise* (Paris, 1739), descreve o sitio da cidade chineza de Kai-fong-fu, no principio do seculo XIII, feito pelos tartaros mongoles, e claramente se collige que os chins, defendendo-se obstinadamente, usavam da polvora e mesmo de certos projectis similhantes nos effeitos ás granadas ou bombas.

Os occidentaes transportados ao extremo oriente, não menos maravilhados ficariam de ver as bibliothecas dos chins, do que da sua artilharia. Que surpreza lhes não causariam esses livros impressos com tanta rapidez, clareza e elegancia, por meio da gravura em madeira, sobre papel domavel e macio, tão differente do pergaminho então geralmente usado na Europa. A primeira edição dos livros classicos fez-se na China em 958, quinhentos annos antes de Guttenberg. Os missionarios que isto observavam, por certo muitas vezes se teriam occupado nos seus conventos da penosa tarefa de copiar livros; e por isso mais attrahiriam a sua attenção as imprensas chinezas, com seus processos tão simples. Ao mesmo tempo se lhes apresentavam os estofos de seda, as porcelanas, as cartas de jogar, os oculos e muitos outros productos da arte e da industria ignorados na

Europa. Para o occidente trouxeram estas diversas noções, e desde então é que se começou a dar importancia á mais populosa e mais anteriormente civilisada das quatro partes do mundo.

Tratou-se então de estudar as artes, as crenças e os idiomas dos povos asiaticos, e até se projectou estabelecer uma cadeira de lingua tartara na universidade de Paris. Foi como se um novo mundo se abríra do lado do oriente. A geographia fez um grande progresso, e o ardor pelas descobertas tornou-se a fórma nova de que se revestiu o caracter aventuroso dos europeus. Quando o nosso hemispherio foi melhor conhecido, a idéa da existencia de outro cessou de se apresentar como um paradoxo destituido de probabilidade. Foi procurando o *Zipangu* (1) de Marco-Polo, que Christovão Colombo descobriu a America; e os audazes navegadores portuguezes, guiados por aquella noção já admittida, foram successivamente avançando suas descobertas até á famosa passagem do cabo da Boa Esperança, por Vasco da Gama.

A bussola, a imprensa stereotypica ou de caracteres gravados em relêvo sobre pranchas, a gravura em madeira, e a artilharia, ha longo tempo eram usadas na Asia, como vae dito, antes de serem cochecidas na Europa. Começou de organisar-se a propagação do christianismo, e para aquella região se dirigiram muitos missionarios. Estabeleceram-se communicações, que duraram activamente durante seculo e meio, e, apenas decorrido outro seculo, todas aquellas invenções apparecem na Europa. Sua origem é indeterminada e envolvida em obscuridades. São objecto de duvida os paizes onde primeiro se mostram, e os homens que as patenteiam. Não é entre as nações mais adiantadas, nem entre os homens esclarecidos que taes descobertas se manifestam: gentes do povo e artistas obscuros são os que seguidamente as praticam, fazendo brilhar tão inesperadas luzes de civilisação. A maior parte d'estas invenções apparecem no estado de infancia em que as deixaram os asiaticos; umas são immediatamente postas em execução, outras ficam algum tempo ignoradas ou obscuras, de modo que não se póde hoje seguir sua marcha historica, vindo depois a apresentar-se como novas descobertas: mas todas bem depressa aperfeiçoadas e como fecundadas pelo genio dos europeus, operam juntas e communicam prodigiosa força á intelligencia humana.

O famoso monge inglez Roger Bacon, que passa pelo inventor da polvora, vivia na mesma epocha que o citado viajante Rubruk; falla d'elle nas suas obras, e póde mesmo ser que o tivesse visto e tratado. A polvora era então usada entre os tartaros, no meio dos quaes vivêra Rubruk, que é mui possivel désse noções a Roger Bacon, que o conduzissem á sua descoberta.

Estas famosas invenções, das quaes a moderna civilisação recolhe os fructos, devem de justiça ser attribuidas, na sua maior parte, aos religiosos da meia edade. O verdadeiro catholico apraz-se, primeiro que tudo, de ver nos missionarios os dedicados apostolos, que marcham, com a cruz na mão, a prégar o Evangelho aos infieis; supportando alegremente as privações e os soffrimentos do seu trabalhoso ministerio, com tanto que ganhem almas para Jesus Christo. Este zêlo ardente pela dilatação da fé affecta pouco, como é sabido, os homens indifferentes, costumados a não dar importancia alguma aos interesses religiosos, homens que tanto abundam n'este seculo. Mas, embora assim pensem, não podem deixar de reconhecer, que os missionarios tem sido os agentes mais uteis da civilisação, tanto nos antigos, como nos modernos tempos. Se por elles se não professa sympathia christã, ao menos tributem alguma admiração e reconhecimento a homens que, prégando o Evangelho, são sempre os propagadores das idéas e dos progressos da humanidade.

C. J. CALDEIRA.

(1) O Zipangu de Marco-Polo é o Japão, que os chins denominam Je-pan-kuo; isto é, reino de Je-pan, ou Japon e Japão, como se pronuncia na Europa.

PENSAMENTOS DE ESPINOSA.

O desejo é a essencia do homem.

A alegria é a passagem d'uma menor perfeição a uma perfeição maior.

A tristeza é a passagem d'uma perfeição maior a uma perfeição menor.

A admiração é o modo d'imaginar um objecto que prende exclusivamente a alma por um caracter singular d'essa representação, e não similhante a algum outro.

O desprezo é o modo d'imaginar um objecto que não desperta a alma por circunstancia alguma.

O amor é um sentimento de alegria acompanhado da idéa de sua causa exterior.

O odio é a tristeza com a idéa de sua causa exterior.

A inclinação é um sentimento de alegria acompanhado da idéa d'um objecto que é para nós uma causa accidental d'alegria.

A aversão é um sentimento de tristeza acompanhado da idéa d'um objecto que é para nós uma causa accidental de tristeza.

A devoção é o amor d'um objecto que se admira.

UMA ANTIGUALHA.

As modas tem occupado um logar distincto nos fastos de todos os paizes. Desde a toga romana até á *crinoline* de nossos dias, tem-se cogitado sempre da moda. Nenhum paiz, de qualquer seita ou religião que seja, tem escapado a essa caprichosa deusa, filha, como graciosamente disse não sei quem, de Momo. A unica terra que não admitte modas é o Japão, que, ha bons vinte e cinco seculos, conserva ainda o mesmo trage. Nós, os portuguezes, temos caminhado sempre com a moda; porém conservâmos illesas nossas tradições, como palladio de nossa independencia e nacionalidade.

Poucos povos haverá que sejam tão ricos de antigualhas como nós. Nascidas com a monarchia, tem passado incolumes, através de mil phases, centenares de usanças, que hoje ainda existem. O bolo de Pombal é talvez das mais veneraveis instituições que por cá temos.

Tinham os mouros destruido a villa de Pombal, que era, dizem, nas faldas do rio Quebruncas. O templario Gualdim Paes, depois e pelos annos de 1181, construíra ao nascente do monte um pequeno castello; algumas habitações se lhe juntaram, e com o tempo esse pequeno senhorio passou a ser a moderna Pombal. Existia alli uma nobre matrona, do sitio do Cardal, proximo ao castello, chamada D. Maria Fogaça, a qual tinha missa em casa, em capella que mandára edificar.

Por aquelles tempos uma nuvem de gafanhotos, recordando a praga de Moysés, cobriu os campos e casas, e os moradores d'alli começaram a rarear. Ora, o nosso povo foi sempre muito devoto: fizeram-se, portanto, preces, e houve um sermão, no qual,

pela bocca do reverendo prégador, aquelles afflictos povos promettiam grandes louvores á Senhora do Cardal, se os livrasse de tão damninhos hospedes. Isto succedeu n'um sabbado, ultimo de junho de 1181. No domingo seguinte os gafanhotos tinham desapparecido.

No anno seguinte, D. Maria Fogaça, com outros moradores d'alli, ordenou a festa á Senhora na sua capella, e foi cousa esplendida. Ordenou tambem que se cozessem, para offerta do parocho, dois enormes bolos (foi desde esse tempo que se introduziu o vocabulo *fogaça*, do nome de tão veneravel festeira); mas, pela sua enormidade, ficaram mal accommodados no forno. Um domestico, penetrado de jubilo e cheio de crença, não duvidou entrar no forno, e accommodar os bolos, saindo de lá são como um pêro. Isto foi logo declarado como um successo sobrenatural, com espanto do povo e orgulho do domestico. No anno seguinte repetiu-se a mesma cousa, e aquella invulnerabilidade, que hoje a physica explica, ficou hereditaria na familia. Os bolos, de dois passaram a ser um só, e a festa alcançou taes prerogativas e privilegios, que até ao reinado de D. Sebastião era permittido por uma provisão regia, que oito dias antes e oito dias depois, ninguem podesse ser preso, por qualquer crime que fosse, uma vez que provasse vir das festas. Hoje ainda alli se coze o enorme bolo, que é repartido pelo povo, ainda o homem entra no forno, mas as guerras politicas, e quasi sete seculos, tem feito esquecer a origem de tão singular usança. (1)

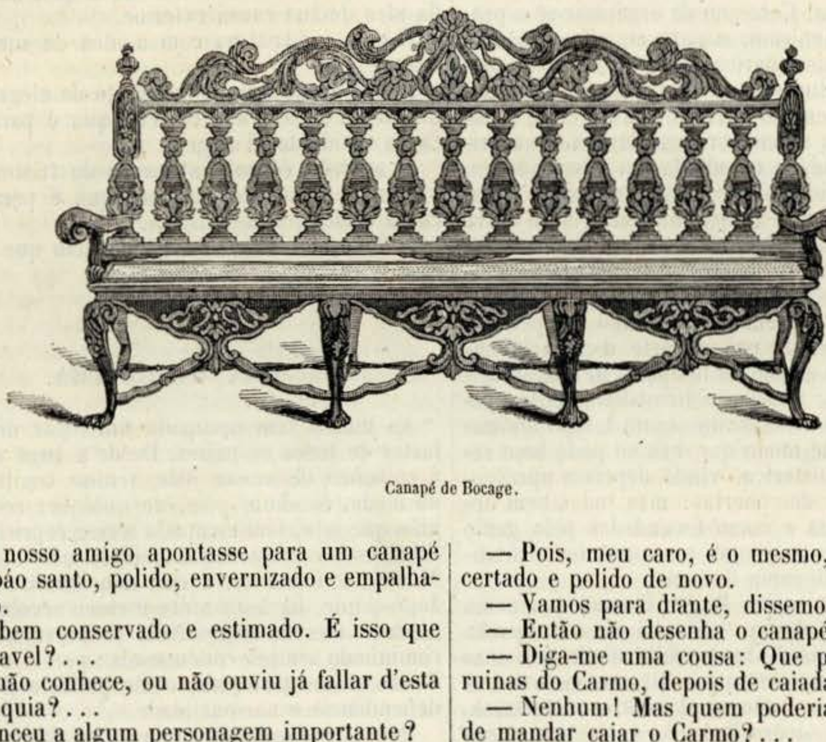
TITO DE NORONHA.

CANAPÉ DE BOCAGE.

A primeira vez que fomos á exposição philanthropica, um amigo que nos acompanhava e sabia o fim para que iamos alli, logo á entrada nos susteve pelo braço, e, apontando para a direita, nos disse:

— Aqui tem já por onde começar.

Olhámos para o logar indicado, e mal podiamos



Canapé de Bocage.

crer que o nosso amigo apontasse para um canapé antigo de páo santo, polido, envernizado e empalhado de novo.

— Está bem conservado e estimado. É isso que tem de notavel?...

— Pois não conhece, ou não ouviu já fallar d'esta celebre reliquia?...

— Pertenceu a algum personagem importante?

— Pertenceu ao mais admiravel improvisador dos tempos modernos; é o decantado canapé que foi de Bocage, quando esteve em Goa.

— Pois elle teve dois? Isso ignorava eu. Apenas sabia d'aquelle a que o celebre poeta fez esta engraçada quadra:

Quando a velha antiguidade
Por estas casas entrou,
Disse áquelle canapé:
Sua benção, meu avô?...

Vi-o na exposição de 1850, n'este mesmo logar. Era um canapé do mesmo desenho, e da mesma madeira, mas todo empastado de poeira, com um assento de madeira já muito gasto, desconjunctado e descaído, e os pés amarrados com cordas. Bem vê que não póde ser este, não só porque não estava tão bem conservado, tão limpo e casquilho, como porque assim, não lhe faria o nosso grande poeta aquella espirituosa satyra.

— Pois, meu caro, é o mesmo, mas limpo, concertado e polido de novo.

— Vamos para diante, dissemos ao nosso amigo.

— Então não desenha o canapé?

— Diga-me uma cousa: Que prestigio teriam as ruinas do Carmo, depois de caiadas?

— Nenhum! Mas quem poderia ter a lembrança de mandar caiar o Carmo?...

— O mesmo que já a concebeu, ou quem mandou limpar, concertar, polir e empalhar o canapé de Bocage!

Um rico atheniense deu uma festa magnifica aos embaixadores do rei da Persia, para a qual convidou todos os philosophos da cidade, que nada pouparam para fazerem conceber áquelles nobres estrangeiros a mais alta idéa da sua sciencia. Só Zenon se obstinou em guardar silencio; e os embaixadores admirados lhe perguntaram o que haviam de contar d'elle ao rei seu amo: Nada, lhes respondeu friamente o chefe da eschola do Portico, a não ser que encontrastes um homem que sabia calar-se.

BASTOS.

(1) Veja no tomo 1.°, pag. 368, o artigo intitulado *O milagre de Pombal*.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B